Correio da Manhã
19/6/1925
IDÉAS DE HOJE

"Modernismo não é escola; é um estado de espirito"

Entrevista com Prudente de Moraes, neto e Sergio Buarque de Hollanda

Prudente de Moraes, neto e Sergio Buarque de Hollanda, os jovens directores de "Estética", revista que representa o pensamento *modernista* no Brasil, concederam-nos conjuntamente uma interessante entrevista esclarecendo bem o ponto de vista dos espiritos moços da literatura brasileira.

E' a mocidade que fala. Uma mocidade que não despreza o raciocinio, senhora da sua época e cheia de enthusiasmo; é grande o prazer de observarmos nas palavras desses moços desinteressados, pacientes apostolos de uma Arte, que o pensamento brasileiro incorpora-se cada vez mais, pelas suas multiplas forças, como força viva á massa da cultura humana, sem atrazo de consciencia, de moral ou de conhecimento. E sem se confundir, incorpora-se ao movimento da civilização numa modalidade inedita.

Fala o sr. Sergio Buarque de Hollanda:

— "Não é o simples capricho de acompanhar a ultima moda literaria, vinda de fóra que nos leva a participar de um movimento de renovação artistica.

Penso ao contrario que se a tendencia "modernista" póde offerecer o aspecto de um rompimento com a continuidade de nossa *tradição* é exactamente porque julgo que essa tradição quasi nunca reflectiu o sentido da nacionalidade."

— *As apparencias pouco importam.*

E o sr. Prudente de Moraes, neto continua:

— "A civilização no Brasil pegou de enxerto. Isso fez com que surgisse aqui uma falsa tradição que não passa do prolongamento de tradições alheias.

Começamos tendo literatura portugueza feita no Brasil. A consciencia de sermos uma nação nos trouxe com a reacção anti-portugueza a submissão intellectual a outros paizes da Europa. Ainda um periodo de formação e de isso incapaz de independencia completa, tivemos uma longa phase, influencia principalmente franceza, que começa com o *Romantismo* e se prolonga até nossos dias. Agora que nos vemos ter chegado ao ponto critico de nossa evolução não imitamos a França, com o atrazo dos outros tempos. Póde-se dizer até que a vanguarda dará é parallela á de lá. Estamos com as idéas ao par.

Precisamos, portanto, achar por nós mesmos o nosso caminho. Ora, o "modernismo" que ao lado de sua feição universal corresponde em toda parte a uma exaltação de nacionalismo, está magnificamente apparelhado para enfrentar esse problema."

— ?...

Sergio de Hollanda — "Demais a feição de combate que parece a muitos a physionomia caracteristica do nosso movimento está interessando mais as pessoas alheias a esse movimento que aos participantes delle. E' indiscutivel que elle representou e ainda representa um facto, um dos papeis mais salientes, embora não dos mais difficeis de nossa tendencia. Mas se foi necessario e até urgente ha algum tempo, já começa a se tornar fatigante.

Creio que a nossa revolução que visa principalmente lutar contra toda especie de logares communs, nada valha menos que essa insistencia demasiada num dos logares communs, mais batidos que é esse horror ao antigo. Se nos parece que o actual movimento está apparelhado para enfrentar o problema de nossa arte nacional, para exprimir melhor a nossa "differença essencial" do resto do mundo, é porque elle se estabeleceu num clima intellectual favoravel ao apparecimento de talentos fortemente individualizados."

— *Chegamos assim a modalidade.*

Prudente — "Por outro lado, algumas innovações puramente formaes introduzidas pelos modernos, vão perdendo a importancia que a principio pareciam ter. Não é por ser de accordo com este ou aquelle preceito que uma obra de arte é ou deixa de ser "moderna". Ao contrario, o abuso de certos processos facilmente assimilaveis que ameaçam degenerar em maneirismo esteril é um dos grandes perigos a evitar. O "modernismo" não se satisfaz com essas apparencias, nem com a introducção nas artes de alguns attributos da vida contemporanea: é interior e intimo. A attitude actual do homem em face do mundo e dos problemas que hoje nos atormentam e a expressão dessa attitude é que constituem o "modernismo".

Esses problemas só *agora* podiam surgir, essa attitude só agora póde ser comprehendida. Nossas idéas nessas preoccupações são proprias da nossa época e os homens de outras gerações talvez nunca nos comprehendam bem. Falamos outra lingua."

— *Sergio de Hollanda* — "O que mais nos distancia dos homens que [illegible] de nós é tão sinceramente quanto nós procuramos exprimir os problemas que hoje nos preoccupam a divergencia profunda dos pontos de vista. A obra de arte não exprime nunca uma *solução*, mas simplesmente uma *attitude*. Deante de cada questão que propõe um determinado momento é sempre possivel a nós, tomar um ponto de vista novo. O que desconcerta na attitude dos modernos é que as outras gerações não querem ou não podem se compenetrar de nossos pontos de vista embora differentes dos seus sejam pelo menos tão legitimos.

A questão se resume assim numa simples differença de perspectiva. Todos os que antes de nós encararam o problema de uma arte brasileira, seguiram dois processos que hoje nos parecem, senão negativos pelo menos ineficazes. Para uns a questão cifrava-se na creação de uma especie de mythologia nacional, de uma lenda heroica a maneira das que possuiam outros povos.

Não tardou que essa tendencia apparecesse artificial e falsa. A outra tentou inspirar-se em motivos brasileiros, mas salientou apenas o que havia de pitoresco, de "exotico" nesses motivos. Quer dizer: condemnava-nos a ser estrangeiros dentro do Brasil.

Trata-se, pois, neste momento, de transpôr *integralmente* para o plano da creação artistica o nosso "estylo" nacional, o nosso systema de duração, sem esquecer que os claros e sombras devem merecer os mesmos direitos."

Prudente — "Succedendo a uma época de cansaço, de scepticismo e de descrenças, nós trazemos ingenuidade, confiança. *Nós queremos Deus*. E essa espiritual reacção, essa volta ao espirito religioso parece-me a contribuição mais importante de nossa época. A indifferença ante os problemas metaphysicos surgem com o excesso de intellectualismo do seculo passado. A descoberta de alguns methodos novos de indagação scientifica que fatigaram as ultimas gerações levaram a querer limitar o conhecimento por esses methodos. Todas as coisas e o que escapava á experiencia e ao raciocinio foi declarado desinteressante.

Esse modo de ver implicava a ignorancia e a nossa precariedade intellectual e o esquecimento de que a intelligencia não é meio de creação mas de demonstração. O homem pecou por orgulho. Julgou conhecer tudo definitivamente e organizou o mundo á imagem do que mais lhe convinha. Hoje essa organização caiu por falta de base physica, e questão de fé retoma o seu logar entre os homens, e se já passou o periodo da intelligencia, podemos dizer, entretanto, que a intelligencia tambem voltou ao seu logar."

Sergio de Hollanda — "Parece-me que toda inquietação moderna resume-se num problema religioso. Essa aspiração de Deus e o sentimento que melhor explica, na minha opinião o movimento artistico actual. Dentro ou fóra da egreja as idéas que nos agitam têm um fundo essencialmente religioso."

Prudente — "Falamos como se vê, em nosso proprio nome. Essas tendencias que apontamos julgamos distinguir, conscientes ou não, em grande parte, na maior parte dos escriptores modernos."

Já ia longe a palestra e o sr. Prudente terminou.

"Uma das criticas mais absurdas que nos têm sido feitas, é a que unidade de vistas, de regras, e de nos censura por falta de cohesão, de um fim commum que se possa reconhecer immediatamente. Queremos que o "modernismo seja uma escola quando é um estado de espirito..."